

A NOITE IMÓVEL, FRAGMENTOS

Luís Quintais

§

O tempo pára, como se a música
dilacerasse as cordas da história,
e o anjo, o anjo necessário
e urgente,
batesse asas depois da noite imóvel.

§

É cedo, demasiado cedo, escuto as horas.
Bebe-se café e estranha-se o poder
de orvalho e cansaço
que há na manhã.

§

A cidade é um mapa destituído
de sonhos, núpcias, convénios de sangue
e tumulto.

§

Olhei o espelho, o negro filme
comoveu-me até ao osso,
uma antecipação dessa flor
que o temível compõe na lapela
do fotografado,
noivo e sempre ausente.

§

Onde estará a partitura do sonho, agora
que nada depende já do nosso desvelo
de humanos comovidos?

§

Um mapa está sobre a mesa.
Encontro aí também um livro.
O mapa está semi-apagado, a espaços
largos entre inscrições
encontramos terras sem nome,
incógnitas, sinais de manchas e descuidos.
O livro está queimado,
carbonizado. O livro
é uma sombra de cinza
que se desmancha ao toque.
A mesa era do meu pai, mas o mapa
e o livro são apenas fragmentos
ou indícios do que
obscuramente fui.

§

Subo as escadas, terceiro andar.
 Assemelham-se a teclados
 os lances de degraus.
 Pianos pretos, de caudas mortais.
 São mortais os pianos.
 Consentem o luto e a espera,
 o silêncio, o oco, a espera.

§

A sala tem uma cadeira
 e a cadeira antecipa
 a espera.
 Alguém se sentará aí,
 esperando
 a imóvel noite.
 O seu olhar será profundo
 sob as máscaras
 que roubará ao rosto,
 película a película,
 pele a pele.
 Tanta coisa dependerá
 dessa intransparente
 notícia
 da realidade
 declinada e mortal,
 dessa mudez
 de linguagem e recolhimento.

§

Eras criança
 e sentavas-te no chão
 muito quieta,
 abeirando-te da terna
 chegada.
 A flor mais negra
 depositava a leve,
 segura forma
 sobre o teu olhar
 por magoar.
 A mãe encerava o soalho,
 havia silêncio entrecortado
 por disparos distantes
 lá fora,
 um desígnio de normalidade,
 uma figuração do Paraíso
 ali dentro,
 ali dentro.
 Depois vinha
 lentamente —
 de mansinho, dirás hoje, perplexo —
 e abandonava a suave
 digna mão
 sobre a tua cabeça.

§

A recidiva flor de ninguém
 haveria de sulcar
 a frágil pele
 da terra.

§

És da infância,
 mas não regressarás ao que és.

Dezembro de 2014